



HIPERTEXTO E BAKHTIN: DIMENSÕES IDEOLÓGICAS AMPLIFICADAS PELA LINGUAGEM DIGITAL

Fábia Soraia Gomes Fragoso¹

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fabiafrag@gmail.com

Resumo: O presente artigo faz uma abordagem sobre o hipertexto digital, a sua estrutura e sua complexidade na intenção de discutir sua dimensão como um ato de fala digital e fenômeno linguístico contemporâneo. O objetivo é analisar essa nova linguagem e os processos ideológicos que dialogam nos discursos da mídia digital e das redes sociais. Demonstrar as múltiplas vozes e como os valores semânticos convergem ou divergem em um espaço virtual permitido a todos. Para tanto, a análise é feita a partir da teoria bakhtiniana, entre outros teóricos, que dimensionam as relações e os fluxos na dinâmica social da rede. Um olhar sobre poder e potencial do hipertexto como elemento estruturador das novas formas de relacionamento e de comunicação amplificadas pela *web*.

Palavras-chave: Hipertexto, Cibercultura, Comunicação e Ideologia.

Introdução

A sociedade evolui em função do conhecimento e de sua capacidade em compartilhar os processos e as tecnologias descobertas ao longo da história. Mas é, através da tecnologia da linguagem e das possibilidades oferecidas pela comunicação, que se estabelece uma contínua evolução da informação e do conhecimento. Os suportes, criados e utilizados pelas mais diversas sociedades, desde a pré-história, são referências de que as civilizações do período praticavam os registros impressos como pictogramas¹ rupestres. Da escrita na pedra, passou-se à cerâmica, ao couro, à invenção do papiro, ao metal, ao papel, ao livro e recentemente, à escrita digital e a toda a cultura pictográfica que formaliza novos ambientes e suportes os quais ampliam e fornecem uma maior visibilidade da informação, associação de grupos e de suas ideologias.

As linguagens e os discursos contidos nas enunciações se reconfiguram em função dos suportes e do seu contexto histórico-social. O universo digital em sua pluralidade de modos e de possibilidades formaliza novos espaços e papéis de interação entre a imprensa e usuários, o que

¹ Pictogramas são representações gráficas extremamente simplificadas de objetos, ações, narrativas ou mesmo conceitos abstratos (DRANKA, 2012, p.3).

exige do pesquisador da área linguística analisar as transformações dessa relação e as cargas ideológicas amplificadas pelas possibilidades da rede mundial de computadores.

Neste artigo, procurou-se realizar uma revisão bibliográfica do livro *Marxismo e Filosofia da linguagem* de Mikhail Bakhtin (2006) a fim proceder a uma análise comparativa com a evolução da linguagem hipertextual e as dimensões ideológicas propiciadas pelo ciberespaço. O estudo busca ainda estabelecer uma convergência entre o referido autor em um diálogo contextual com Lévy (1999, 2000), Chartier (1998), Canavilhas (2006), Pêcheux (1997), entre outros.

A sociedade cria suas interlocuções através da palavra que é um fenômeno ideológico natural e contextual, tal qual define Bakhtin (2006, p. 17). Para tanto, todo “signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados” como formas de representações ideológicas, no qual o sistema semiótico serve como expressão de valores. A palavra é o signo que carrega referências ideológicas por excelência, “registra as menores variações das relações sociais”, porque a ideologia do cotidiano é o “cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.”

O modelo social contemporâneo dos processos de comunicação, a cada momento, é mais potencializado por novas configurações, tráfegos de informações, interlocuções, redes digitais que se conectam globalmente e instantaneamente. Novas concepções, entre o espaço e o tempo, possibilitadas por práticas e pelos elementos constitutivos entre suportes, redes, instrumentos, aplicativos que emergem diariamente nessa dinâmica da rede mundial de computadores.

Processo de novas configurações que são largamente impulsionadas por necessidades e pela indústria digital e de consumo. Para Sancho (2001), um fenômeno motivador que transforma profundamente o mundo e o próprio indivíduo. Nessa mesma abordagem sobre impactos e as relações de consumo da informação, Santos (2005, p. 68-69) afirma que o poder da comunicação massificada é o exercício que ordena e altera a vida coletiva. Guareschi (2006) complementa que essas relações e fluxos estão em uma dimensão social que legitima os valores econômicos e políticos constituídos. Assim, a linguagem e suas formas de manifestação implicam processos antagônicos e relações de dominação e de resistência, e o seu uso são formas exercidas pelas classes dominantes para sobrepor seus discursos (BAKHTIN, 2006).

Metodologia

O método definido para o estudo foi o analítico que trabalha a partir de unidades dentro de um contexto e define suas significações linguísticas, norteado pela obra de Mikail Bakhtin (2006) e sua teoria sobre dialogismo e ideologia.

Como exemplificação, foram utilizados recortes de *posts* do *Facebook* de páginas dos portais de notícias Estadão, Terra e da comunidade Caneta Desmanipuladora. A abordagem expõe que todo e qualquer discurso escrito é parte de atos de fala, que, nas relações e discussões ideológicas, “responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”, de acordo com (BAKHTIN, 2006, p. 126).

O hipertexto e o poder da amplificação: caiu na rede é texto

Como elemento estruturador dos meios de comunicação digital, o hipertexto conduz contextos dialógicos múltiplos e é na *web* que todos os processos de interlocução potencialmente expandem-se, o que a transforma no maior meio de comunicação difusa que conhecemos até hoje.

Para Chartier (1998), o hipertexto digital é produto de um processo evolutivo da leitura, um artefato da continuidade do desenvolvimento da linguagem escrita, uma tecnologia emergente da sociedade contemporânea, uma espécie de revolução das revoluções. Uma revolução nas estruturas, tal como ocorreu com a invenção da imprensa por Gutenberg e a disseminação da literatura e do conhecimento, uma nova técnica que transfigura a relação com a cultura escrita.

Dentro do espaço hipertextual, o ciberespaço² funciona como uma arena de atuação entre o real e virtual, ambiente que fomenta hibridização e organização das linguagens e possibilita um novo espaço específico das representações do cotidiano (MONTEIRO, 2006).

Lévy (1999, p.33), quando descreve características e potencialidades do texto digital, define que, “Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões”. E as palavras, páginas, imagens, vídeos, áudios, entre outros, são os nós que potencialmente se transformam em hipertexto, “itens de informação que não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular”.

Em consonância com outros estudiosos sobre o assunto, Lévy (1999, p.25) conceitua o hipertexto digital como baseado em seis princípios complexos e fundamentais para entender suas relações, impactos e difusões. Estruturas definidas por princípios abstratos que definem potencialmente o texto digital. São eles:

²[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999. p. 17).

- **princípio de metamorfose:** está em constante mudança, reconstrução contínua e permanentemente, em um jogo de transformações contextuais por pessoas, palavras, componentes, entre outros;
- **princípio de heterogeneidade:** são imagens, sons, palavras, modelos, vídeos, etc., e as conexões lógicas e afetivas. O processo sociotécnico coloca em jogo pessoas, grupos e artefatos em uma pluralidade de associações possíveis;
- **princípio de multiplicidade:** possui uma organização fractal, que pode se repetir ou se reestruturar de formas diferentes;
- **princípio de exterioridade:** apresenta-se em rede, sem unidade orgânica, nem motriz interna. Seu crescimento, composição, recomposição dependerá sempre de um exterior indeterminado;
- **princípio de topologia:** tudo funciona por proximidade, o curso é uma questão de caminhos;
- **princípio de mobilidade dos centros:** não tem centro, possui diversos centros, pontos móveis que transitam e conjugam sobre o próprio eixo e ramificações infinitas, rizomas que se projetam e se recriam.

Nessas perspectivas de complexidade multimodal e abstrata, o hipertexto torna-se uma trilha consecutiva que se estende como produto aos usuários, que se move ao contexto dos espaços digitais expostos por uma tela, um processo de conversão progressiva, uma construção contínua que ideologicamente se expande e se configura em seus usos. Tão flexível quanto possível e adaptável aos interlocutores que potencializa seus acessos e efeitos ideológicos e de consumo exponencial, por produtos quer sejam simbólicos ou tangíveis.

Como parte dessa abrangência e da exteriorização, temos o cenário principal de exposição do hipertexto, a tela, que se constitui e se transforma em ponto de entrada para os processos das informações conectadas e hipertextuais. Para Kerckrove (2003, p.18), “as telas internalizam sínteses psicossensoriais” e, através dos computadores, negociamos o significado e estratégias de conhecimento e informação, o que nos fornece uma forma de emigração da mente, em um colóquio da mente com outras, uma produção consecutiva de controle e de produção de significados e compartilhamentos de ideias.

O hipertexto digital é um de fala

Bakhtin (2006) define que a linguagem e a língua são correntes evolutivas ininterruptas, sob qualquer tipo, gênero ou manifestação. Adequando a esse raciocínio do autor *sobre a fala, suas manifestações e suportes* (grifo nosso). O hipertexto é um ato de fala digital, o qual se constitui como elemento da comunicação verbal, não linear e de múltiplas possibilidades e objeto de discussões ativas dialógicas e ideológicas.

Assim, correlacionadas às ideias de Chartieu (1998), sobre objeto e suporte (hipertextos e livros), e os conceitos bakhtinianos sobre livro como suporte de atos de fala impressos que, “constitui igualmente um elemento da comunicação verbal”, temos um processo que interage continuamente e que presentifica “discussões ativas sob a forma de diálogo”, possibilitando movimentos a serem apreendidos e estudados de maneira ativa. Além disso, o autor acrescenta que “o ato de fala” é sempre orientado em função das intervenções anteriores e que contempla sujeito autor e seus interlocutores. Dessa forma, todo e qualquer discurso escrito é parte de relações e discussão ideológica em grande escala. “Ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” [...] a linguagem está ligada naturalmente à sua evolução, carrega suas vivências, seus contextos e funciona como elemento essencial para o desenvolvimento de compreensão de todos os fenômenos ideológicos. (BAKHTIN, 2006, p. 126).

Linguagem, mídia digital, redes sociais e confrontos ideológicos

Ingressamos nessa discussão correlacionando o hipertexto digital como protagonista de uma linguagem contemporânea, catalisador de novos constructos dos processos de comunicação. A leitura e a escrita em um novo estágio, subsidiando novos processos de interação, comunicação e conhecimento. Não constituída por um sistema abstrato de enunciações isoladas, mas por interações dialógicas dinâmicas. As redes sociais na internet constituem novos territórios de representações dos atores sociais e de conexões, conforme define Recuero (2009). Um fenômeno social da linguagem com múltiplas vozes e recursos multimodais que se entrecruzam e se expandem em ideologias.

Dentro da perspectiva da evolução histórica dos meios de comunicação, a internet expande a influência da palavra, dos enunciados, dos discursos, das interlocuções. Nesse novo cenário, em um processo natural, as mídias impressas e tradicionais configuraram-se em *sites* de notícias a partir da década de 90 para participarem desse ambiente oferecido pela rede mundial de computadores (SABADINE, 2006). Entre os processos de evolução e de transição, moldados aos

contextos, o jornalismo *web* também se adequou às redes sociais como forma de se aproximar mais e mais dos internautas e de suas práticas interativas.

Canavilhas (2006, p.10) afirma que as adaptações da imprensa são necessárias à constituição do ciberespaço uma vez que [...] a “correta manipulação das variáveis obriga os jornalistas a optarem pelas técnicas de redação que mais se adéquam às características do meio” e que este espaço é tendencialmente ilimitado.

Mesmo que a linguagem tenha se mantido relativamente preservada e ainda presa aos modelos impressos, as perspectivas fornecidas pelo hipertexto digital assumem uma dimensão significativamente mais ampla do que a mídia tradicional. Atinge um público vasto e variado, de estratificações socioculturais e econômicas heterogêneas, que não apenas ler a mensagem, mas interage ou não, reage ou compartilha. Não se trata apenas de noticiar, mas repercutir o que se fala e como se fala. Tudo favorecido pela democratização dos acessos e possibilidades oferecidos pela internet, o que amplia os aspectos interativos e as intenções contidas nos discursos.

Em Bakhtin (2006, p. 96), não são as palavras que pronunciamos ou ouvimos, mas o contexto de verdades ou mentiras, de sentidos bons ou ruins, triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc., a que reagimos ou não. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Sendo que compreendemos as palavras e reagimos somente àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. Do ponto de vista de mesmo autor (2006, p.199), a palavra reflete todas as mudanças e alterações sociais que convergem do pensamento a sua ação linguística. Ainda considera que “as vicissitudes da enunciação e da personalidade do falante na língua refletem as vicissitudes sociais da interação verbal, da comunicação ideológica nas suas tendências principais”.

Pêcheux (1997, p. 160) reitera as afirmações de Bakhtin quando infere que as posições ideológicas estão em jogo no processo sócio-histórico no qual os discursos são produzidos ou reproduzidos, o sentido muda em acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

Ilustração e análise dos resultados

Para ilustrar essas abordagens sobre diálogos e ideologias contextualizados no universo *on-line*, colocam-se registros resgatados em uma rede social: primeiro uma notícia vinculada no *site* do Jornal Estadão (Figura 1) e o segundo, no portal Terra (Figura 4), ambas confrontadas por uma comunidade do *Facebook*, nomeada como Caneta Desmanipuladora (Figuras 2, 3 e 5). A princípio,

os dois títulos em si já definem contextos significativos e evidenciam o caráter ideológico dos discursos exemplificados.



Figura 1: Jornal Estadão. Fonte: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora>
Acesso em: 29/07/2016 (os destaques da página)



Figura 2: Comentários dos internautas. Fonte: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora>
Acesso em: 29/07/2016 (os destaques da página)

A manchete do jornal Estadão (Figura 1) opta por um vocábulo mais eufemístico, enquanto a análise dos participantes da comunidade Caneta Desmanipuladora (Figuras 2, 3 e 5), através de seus membros, ajusta o vocabulário para o que define como mais adequado, fato que evidencia valores de confrontação e tomadas de posições que se alternam pelos comentários de milhares de *posts*, curtidas, compartilhamento e uso de *emoticons*³.

³ Signos pictográficos que utilizam expressões humanas em formas de emoção sem a utilização de palavras. (nota da autora)

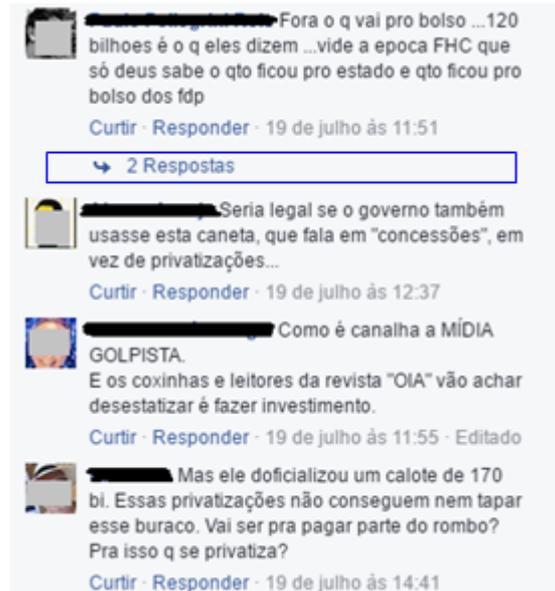


Figura 3: Comentários dos internautas. Fonte: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora>
Acesso em: 29/07/2016 (os destaques da página)

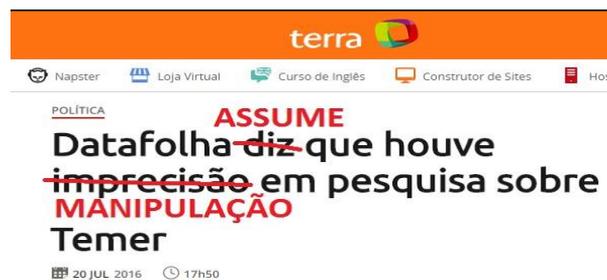


Figura 4: Portal Terra. Fonte: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora>
Acesso em: 29/07/2016 (os destaques da página)

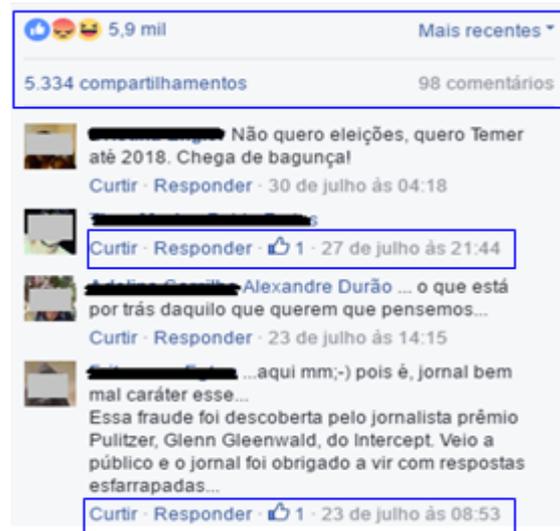


Figura 4: Portal Terra. Fonte: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora>
Acesso em: 29/07/2016 (os destaques da página)

Assim, em paralelo aos valores semânticos e ideológicos, os membros e seguidores da página revezam-se em diálogos de afirmação, concordância ou refutação e compartilhamento, tudo facilmente viabilizado pelo universo hipertextual e condicionado pelas interlocuções do enunciado.

O hipertexto digital, além de flexibilizar as possibilidades multimodais (sons, imagens, textos, vídeos), tem por princípio a mobilidade entre *sites* e redes sociais. Conduz os interlocutores a transitarem por ramificações de gêneros diversificados, que se projetam e recriam-se e fomentando poder de opinião ou edição aos atores dos diálogos. O leitor passa a ser mais que um mero espectador, torna-se um coautor no processo interativo.

Considerações

Diante da análise, a relevância do hipertexto digital e as relações semânticas constituem-se e integram-se dialogicamente em acordo com as posições ideológicas dos sujeitos, não isoladamente, mas contidas dentro das estruturas linguísticas, as quais promovem novas relações e possibilidades comunicacionais.

O hipertexto digital amplifica os discursos e dá visibilidades às múltiplas vozes e nessa perspectiva, a linguagem, enquanto instrumento que produz comunicação em qualquer formato, gênero ou plataforma, envolve processos que vão do individual para o coletivo, de emissores aos receptores, permeados por seus contextos. Assim, para Bakhtin (2006, p.97), “a língua no seu uso prático é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida”, o que define o sujeito naturalmente como um ser histórico, social, ideológico que se constrói na linguagem e através do outro em vozes múltiplas.

Referencial

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Lahud e Y.F. Vieira. 12.ed. São Paulo: Hucitec 2006.

CANAVILHAS J, M. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2016.

CANAVILHAS J, M. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>> Acesso em 24 jul. 2016.

CHARTIER, Roger **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad.: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DRANKA, L. Kitt. **Pictogramas: Teoria, Desenvolvimento e Aplicação.**

Disponível em: <<http://www.ciclovida.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/03/Relat%C3%B3rio-Lucas-K.-Dranka-Pictogramas-Teoria-Desenvolvimento-e-Aplica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>

Acesso em: 11 fev. 2016.

GUARESCHI, Pecfro. **Mídia, poder e sociedade.** Comunicação & Informação, V 8, n° 2: pág 195-199. jul/dez. 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/25091/14508>> Acesso em: 11 jun. 2016.

KERCKOVE, Derrick. **A arquitetura da inteligência: interfases do corpo, da mente e do mundo.**In: DOMINGUES, D.(org). Arte e vida no século XXI.. São Paulo:Unesp, 2003.pp.15-26.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A Emergência do Cyberespaço.** In: PELLANDA, Nize Maria C. **Cyberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. pp.13-20.

MONTEIRO, Silvana Drumond. **As linguagens e o hipertexto: Uma introdução às possibilidades discursivas na forma hipertextual.** Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cimid/8inf/monteiro/linghipe.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2016.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão.** Disponível em:

<<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2016.

SANCHO, Juana M. **Para uma Tecnologia Educacional.** 2. ed. Porto Alegre: ArtMed,1998.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção primeiros passos; 110).